

DURAÇÃO E ESPAÇO: A LIBERDADE ENQUANTO DADO IMEDIATO NO PENSAMENTO DE HENRI BERGSON

Carlos Diogo Mendonça da Silva¹
Sônia Maria Soares de Oliveira²

resumo

Tomando como referência a obra bergsoniana, *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), buscamos, no presente texto, retomar a leitura de Henri Bergson, tendo como referência o problema da liberdade. Tal questão fazia parte do debate científico da época, principalmente no positivismo. O problema da liberdade é, antes de tudo, metafísico, pois é sustentado sobre uma noção impura e imprecisa do tempo. Para tanto, faz-se necessário discorrer sobre os conceitos de duração e espaço, a fim de compreendermos esta enquanto dato imediato da consciência. Em Bergson, a vida interior é de natureza temporal e não espacial. Na raiz dessa problemática está o conflito que se faz entre tempo e espaço ao não percebermos que os estados psicológicos, assim como a vida psíquica são de natureza exclusivamente qualitativa. A partir desse embate, tem-se a representação de um eu superficial e de uma multiplicidade quantitativa dos estados psicológicos como se fossem de natureza física, assim fez a psicofísica,

1 Doutorando em Filosofia – UFC. Mestrado em Filosofia – UFC. Graduação em Filosofia e Bacharelado em Psicologia. Experiência em Ensino de Filosofia no Ensino Fundamental e Médio. Psicólogo – CRP 11/10412 com experiência em Psicologia e Políticas Públicas de Saúde Mental, Assistência Social e Clínica com abordagem Junguiana. Professor Substituto do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

2 Mestre em Educação – UECE. Especialista em Ensino de História - UECE. Licenciatura em História – UECE. Professora de História na Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC. Pesquisa sobre formação docente, filosofia, gênero, cartografia e temas ligados à educação.

pois elegeu a vida psíquica existindo numa ilusória temporalidade espacial. Assim, não podemos reduzir a noção de tempo à noção de espaço porque são realidades distintas. É imperativa a depuração do misto, tempo e espaço, da qual fomentará, de um lado, o puro espaço e, de outro, a pura duração. Por fim, o filósofo nos fala de um tempo que está decorrendo, duração e não ao tempo de conservação da espacialidade simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; Duração; Espaço; Liberdade.

résumé

Prenant come référence l'ouvrage bergsonien, *Essai sur les données immédiates de la conscience* (1889), nous cherchons, dans le présent texte, à reprendre la lecture d'Henri Bergson, ayant comme référence le problème de la liberté. Cette question faisait partie du débat scientifique de l'époque, notamment dans le positivisme. Le problème de la liberté est avant tout métaphysique, puis qu'il repose sur une notion impure et imprécise du temps. Par conséquent, il est nécessaire de discuter les concepts de durée et d'espace, afin de comprendre cela comme un fait immédiat de la conscience. Chez Bergson, la vie intérieure est de nature temporelle plutôt que spatiale. A la racine de ce problème se trouve le conflit entre le temps et l'espace quand on ne se rend pas compte que les états psychologiques, ainsi que la vie psychique, sont de nature exclusivement qualitative. De ce choc, il y a la représentation d'un moi superficiel et d'une multiplicité quantitative d'états psychologiques comme s'ils étaient de nature physique, de même que la psychophysique, puisqu'elle a choisi la vie psychique existant dans une temporalité spatiale illusoire. Ainsi, on ne peut pas réduire la notion de temps à la notion d'espace car ce sont des réalités différentes. Il est impératif de purifier le mélange, le temps et l'espace, ce qui favorisera, d'une part, l'espace pur et, d'autre part, la durée pure. Enfin, le philosophe nous parle d'un temps qui passe, la durée et non le temps de conservation de la spatialité symbolique.

MOTS-CLÉS: Temps; Durée; Espace; Liberté.

1. introdução

No prefácio do *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), Henri Bergson (1859-1941) discorre sobre a profundidade de sua reflexão filosófica: "Nós nos expressamos necessariamente por palavras e pensamos o mais frequentemente no espaço"³ Segundo Bergson, a interioridade

3 BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Tradução: João da Silva Gama. 1ª edição. Lisboa: Edições 70, 1988. pp.03.

da realidade da consciência humana mostra-se como campo experiencial irreduzível aos modos de compreensão do da exterioridade do mundo, e isso porque tal compreensão do presente aspecto nos coloca num patamar daquilo que é vivido e experiencial. Existe toda uma caracterização da filosofia bergsoniana, que é importante destacar as questões que orientam toda a discussão do filósofo, ou seja, tomar a vida interior ou consciente como o primeiro campo de experiência.

A problemática da liberdade se torna falso para Bergson de modo que este aponta que qualquer entendimento da consciência, tal como os partidários da psicofísica sustentavam, contém tácita em si uma concepção do tempo que deriva da experiência mista de *espaço e duração* que, embora constitua nossa vivência cotidiana e seja útil à vida prática, é incongruente. Para romper este problema, o filósofo busca explicar, na experiência mista do tempo, aquilo que seria da ordem espaço daquilo que é duração.

Bergson rompe com toda uma tradição mecanicista que tomava apenas um meio de pensar a função do sistema nervoso, o modelo de *arco-reflexo*, que dominava o cenário científico a partir de 1870, quando se passa a pensar em termos do sensório-motor para o estudo do comportamento. No, Bergson critica a afirmação do paralelismo entre o fisiológico e o psicológico, enquanto única explicação mecanicista em termos de um antecedente determinando algum fato específico, como se os fatos psicológicos só pudessem ser tratados como coisas que se justapõem.

Uma das principais teses do *Ensaio* consiste na tentativa de mostrar que a realidade psicológica não é unidade, mas a pluralidade, transcendendo, por sua vez o próprio mecanicismo associacionista. Além disso, o filósofo busca realizar uma crítica da universalidade do mecanicismo determinista, largamente usado nas ciências da natureza e, no final do século XIX, diferido para as nomeadas “ciências do espírito”. O ponto de partida de Bergson seria a experiência da vida interior. A partir da presente deixa, podemos afirmar que o bergsonismo vai se objetar à primazia da representação com uma forma de compreensão do mundo a partir da primado da diferença, segundo Gilles Deleuze (1999).

2. o problema da intensidade dos estados psicológicos

Entende-se que uma das heranças da filosofia cartesiana é a primazia da subjetividade na fundação do conhecimento que, agenciado de modo rigoroso, fomentaria a totalidade das representações que jazem o interior da consciência. Observa-se que há todo um “projeto” no Ensaio de maneira precisa, onde o objetivo maior consiste em romper os “mistos mal analisados”, ou seja, a confusão radical entre as noções de tempo e espaço, promovendo todo um projeto de depuração da filosofia à realidade que dura. No entanto, segundo o filósofo, no intento de encontrar uma fundamentação de nossos estados psíquicos, é necessário expurgar

o tempo, ou em outras palavras, abalizar a duração do espaço, ou seja, o tempo real daquele comumente espacializado para, assim, apreender a duração de nosso próprio eu.

A liberdade enquanto ponto de partida de sua reflexão não é acaso, pois tal experiência se dá no campo da estruturação do discurso. Bergson pondera a liberdade enquanto presença e conjectura uma espécie de irrupção Ontológica dentre o discurso (consciência) e o ser (real). A problemática da liberdade se compõe enquanto problema lógico-discursivo, como bem mostrou Bento Prado Jr. em *Presença e Campo Transcendental*, ou seja, a liberdade é a presença interna em sua plenitude.

A compressão dessa consciência imediata é o mote para o entendimento de toda a ontologia bergsoniana, assim como o núcleo ao qual o filósofo não cessará de voltar para poder relevar e ampliar sua averiguação em outros campos do conhecimento, dentre eles: psicologia, biologia e metafísica. Partindo do Ensaio será alicerçada a base de seu pensamento. De acordo com Frédéric Worms (2010), a distinção do duplo alcance⁴ entre duração e espaço será o ponto de partida de toda a sua filosofia, sendo que as obras posteriores nunca deixarão de remeter, principalmente a questão das diferenças entre as multiplicidades e o caráter não uno de nossos estados mentais.

Bergson faz uma análise à psicologia de sua época, especificamente à psicofísica, que assumia os fatos psíquicos como componentes mensuráveis e não a própria realidade da experiência psíquica. O filósofo toma como propósito a resolução desse vício científico colocado pelos falsos problemas, ou seja, pensarmos as realidades que não se prestam à quantificação, como depostas de uma natureza qualitativa. A compreensão do que entendemos por “grandezas intensivas” foi um debate marcante no pensamento de Kant, assim como na ciência oitocentista tendo como paradigma o método positivismo para a compreensão dos estados psicológicos.

Findando a obra, *O pensamento e o movente* (1934), Bergson nos apresenta um resumo de seu projeto filosófico. Afirma-se que se trata de um progresso, a partir da qual a sequência de suas obras vai nos ampliando todo um campo de aplicação do seu método. Seria uma rejeição de toda solução prontamente verbal/espacial e um esforço do espírito para cada novo problema. No Ensaio, temos um movimento do espírito que se volta para si mesmo possibilitando a experiência da duração que se alargaria posteriormente em, *Matéria e memória* (1896), que põe em evidência a atividade do espírito pela apreensão do método intuitivo, seguindo até, *A evolução criadora* (1907), com os incrementos da peculiaridade da vida e, por fim, *As duas*

4 No início do *Ensaio*, Bergson põe uma cisão entre duas atitudes de conceber a realidade. Numa polaridade está o espaço, a extensão, a simultaneidade e a quantidade, enquanto no outro extremo, o inextenso, a qualidade e a duração. Com efeito, o espaço seria a condição de possibilidade das operações de justaposição, representação e decomposição, onde os dados são traduzidos em números. O tempo originário, que nós vivenciamos, aquele que funda nossa experiência originária, acaba sendo suprimido pela espacialidade.

fontes da moral e da religião (1932), ao trazer a questão da moralidade aberta e fechada.

Quando afirmamos que um determinado sentimento pode crescer ou abater, o que queremos dizer? Bergson se refere a uma relação entre continente e conteúdo, a fim de discorrer a motivação de uma sensação mais ser intensa que outras, assim como comparar universalmente seu campo de ação. Como podemos então arrogar ao que se entende por grandeza como algo que se pode medir, já que a noção de intensidade diz comumente respeito a tudo aquilo que ocupa espaço? Pode-se medir o amor? A tristeza? a felicidade? Dessa forma, será levantada toda uma crítica a maneira pela qual a psicofísica e o positivismo científico compreendiam a relação entre o exterior e sua intensidade daquilo que é vivido. Quando dividimos o fluxo consciente nesses estados acabamos segundo o autor, objetivando uma realidade de características muito diferentes da realidade dos objetos justapostos no espaço.

Na impossibilidade de remanejar tal lógica de mensuração para as realidades intensivas, como os sentimentos, nos leva ao dualismo presente no bergsonismo. De um lado está à psicofísica, onde o filósofo buscará mostrar a incompatibilidade do método quantitativo científico aplicado ao estudo da consciência; e, do outro, a filosofia crítica de Kant, com a noção de tempo, sendo imprópria para se refletir sobre a temporalidade da consciência. Bergson colocar-se-á sob o abrigo do cartesianismo, assegurando que aquilo que nos é dado de modo absoluto, chama-se “eu”, ou a visibilidade aplicada do espírito pelo espírito.

Fica evidente que Bergson nos convida para uma apreensão mais acurada entre nossas vivências psicológicas. Há toda uma dificuldade em promover confrontos sobre sentimentos distintos. Como exemplo, o que queremos dizer quando alegamos que um estado de alegria é mais forte que a tristeza? Qual seria a dificuldade de usar tal sobreposição no caso dos sentimentos? Tal dificuldade constitui a irreduzibilidade qualitativa/inextensa dos sentimentos ao quantitativo.

O que nos possibilita descrever tal realidade das sensações/sentimentos como maior ou menor está atrelado ao contato de uma emoção principal nos demais estados psíquicos. O que entendemos por grandeza intensiva será, no entanto, toda alteração que um dado sentimento qualquer afeta os demais estados de consciência.

A acuidade das sensações afetivas consiste num movimento de conscientização que assumimos dos movimentos involuntários que se ampliam nesses estados, pois um dos papéis da sensação “[...] convidar-nos a uma opção entre esta reação automática e outros movimentos possíveis, não teria nenhuma razão de ser”⁵. Bergson pretende tomar uma espécie o “movimento partindo da interiorização da experiência para o simbólico, uma espécie de movimento diverso do

5 BERGSON, Henri. Ensaio sobre os dados imediatos da consciência. Tradução: João da Silva Gama. 1ª edição. Lisboa: Edições 70, 1988. p.18.

conceitual”⁶ que adota o objeto enquanto elemento de natureza distinta.

3. multiplicidade dos estados psicológicos

No *Ensaio* percebe-se uma distinção expressiva entre espaço e extensão. De acordo com Bergson, o espaço seria uma concepção de um meio homogêneo através do intelecto humano que proporciona um tipo de defesa contra a multiplicidade que compõe o horizonte da nossa experiência, mesmo sendo o espaço condição para a multiplicidade. O espaço seria uma construção ideal por meio pela inteligência, a fim de abarcar o movente. O filósofo funda uma contestação entre tempo e espaço. De acordo com tal observação surgirá a noção de duração, pois o dualismo promove um ponto de vista mais amplo sobre a concretude do eu e a problemática da liberdade.

No capítulo segundo do *Ensaio*, com a análise do conceito de número enquanto ponto comum para pensar o tempo e espaço, Bergson dialoga sobre as duas multiplicidades. De acordo com o filósofo, a síntese entre estes dois níveis da realidade acaba por submeter movimento como algo divisível e homogêneo, tomando assim a compreensão do tempo em instantes e decomposto. Contamos os minutos que levamos até abordar um ponto a determinado, assim como os metros de tal percurso. A partir do momento em que os objetos são postos por nossa percepção e justapostos por nossa inteligência no espaço, forma-se um tipo de multiplicidade quantitativa.

Bergson ao discorrer sobre o espaço, afirma que este seria um tipo de erro dirigido promovido à consciência. Esta teria sido atrelada à maneira das homogeneidades numéricas, ou seja, elementos exteriores justapostos. Kant, de acordo com o filósofo, não conceberia uma sucessão pura, mas algo que é contaminado de espaço sustentando as justaposições. O bergsonismo partilha da compreensão que o espaço é produto da forma *a priori* da sensibilidade, sendo que a verdadeira essência não se reduza a essa operação, pois nossos estados interiores não são grandezas quantitativas.

A estética transcendental kantiana é uma crítica a fim de elucidar os limites e os fundamentos da razão promovendo a validação desta. Todo o conhecimento é promovido através da experiência, pois a partir de nossa sensibilidade constituí em nós as representações que fundamentam a experiência. De acordo com Frédéric Worms (2010), há uma possível relação entre Bergson e Kant quando se pensa a estruturação da experiência, pois ambos seriam empiristas em relação ao composto de nossas intuições sensíveis. De acordo com Kant, o espaço é algo pertencente a estrutura da sensibilidade do sujeito cognoscente; no bergsonismo, no entanto, será pensado enquanto intuição imanente à inteligência.

6 *Idem, ibidem*, p. 21.

Seguindo a compreensão analítica de Bergson no que diz respeito ao espaço, este assegura a coexistência de três componentes: a justaposição, a simultaneidade e a homogeneidade. O primeiro é tido como o meio que possibilita apontar várias impressões iguais e simultâneas, consentindo a quantificação, divisão e definição de tudo aquilo que se repete. No *Ensaio*, evidencia-se a divergência entre o espaço e extensão, pois este é um meio homogêneo (quantitativo) e aquele como algo que é percebido.

Bergson se torna próximo ao Kantismo, mas acaba se afastando deste, pois, para o Kant, é basilar que o espaço é uma forma *a priori* de nossa intuição da exterioridade, enquanto o bergsonismo tomará o espaço enquanto noção derivada do intelecto. Prado Júnior (1989) afirma que o projeto de Bergson é fundamentar a *Estética Transcendental*, sendo que Kant havia demonstrado a impossibilidade de conhecermos a coisa em si devido os limites do entendimento. O filósofo atesta a existência a um tipo de conhecimento que está para além da quantificação do entendimento, onde poderíamos compreender outro tipo de temporalidade:

Kant havia estabelecido, dizia-se, que nosso pensamento se exerce sobre uma matéria espalhada antecipadamente no Espaço e no tempo e desse modo preparada especialmente para o homem, a "coisa em si" escapa-nos, seria preciso, para atingi-la, uma faculdade intuitiva que não possuímos. Pelo contrário, resultava de nossa análise que pelo menos uma parte da realidade, nossa pessoa, pode ser recuperada em sua pureza natural. Aqui, em todo caso, os materiais de nosso conhecimento não foram criados ou triturados e deformados por não sei que gênio maligno, como nossa consciência, uma poeira psicológica⁷.

Bergson entende que o espaço seria a intuição de um meio vazio e homogêneo que, no entanto, estaria ligado a um modo de justapor e organizar as coisas. A linguagem encontra no espaço um modo de organizar a vida humana enquanto ação. O Espaço se caracteriza por ser um meio homogêneo, sem qualidades, sem diferenças de natureza, tudo é qualitativo. A inteligência ao representar os objetos através do espaço, justapõe tempo e espaço enquanto utilidade prática e tomando este como uma realidade quantitativa e homogênea. Sendo o homem atravessado pelo domínio da inteligência tudo aquilo que apreende do real a sua volta acaba recortando deste aquilo que está impregnado do seu interesse enquanto ação. Esta tem por função preparar esta ação e decompor no espaço as relações que permitem remover as dificuldades que a matéria impõe à vida.

4. uma outra experiência do tempo: a noção de duração

Bergson afirma tudo aquilo que é exterior, acaba tomando uma multiplicidade quantitativa pontual em nossa consciência, sendo aquilo que é interior, carrega o aspecto de multiplicidade

7 BERGSON, H. O Pensamento e o Movente: *ensaios e conferências*. 1ª Edição. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 24.

enquanto ordem qualitativa. Aquilo que é exterior relaciona-se com os objetos justapostos pela inteligência, enquanto o interior seria uma experientiação que ainda não foi simbolizada pelos domínios da inteligência, ou seja, aquilo que é antecedente a toda posição dos objetos por nossa ordem prática. Trata-se de uma compreensão do espírito por ele mesmo, da *coisa em si* enquanto fenômeno.

Ao tratar sobre esses dois tipos de experiência, o filósofo parisiense fomenta a possibilidade de termos uma experiência mais originária sobre os objetos, pois haveria um vasto mundo subjetivo que a ciência da época não conheceria. Tratando-se da multiplicidade qualitativa, esta seria uma classe imanente que forma uma realidade anterior a toda formação sobre a realidade, a própria *duração*. Esta constitui o âmago de nossa vivência interior, como uma melodia musical, onde imergimos num processo contínuo entre o passado e o presente, onde cada parte vincula-se a um todo:

(...) essa apreciação geral da filosofia de Bergson, que considera tanto a duração quanto a espacialização como duas tendências igualmente componentes de uma realidade em princípio una, interessa aqui especificamente na medida em que incide sobre a constituição da consciência humana e sobre a questão da liberdade. E é levando em conta, portanto, o ganho que a consideração desse dualismo recebeu em *Matéria e Memória* que acredito poder, retroagindo, também, até o modo em que consciência e liberdade foram inicialmente apresentadas no Ensaio, melhor compreender a nova dualidade pela qual Bergson passará a tratar tanto essa liberdade quanto essa consciência⁸.

De acordo com Silene Marques (2006) aponta que a noção de duração é uma outra especialidade de sucessão, aquela que caracteriza a própria continuidade de nossa vida interior quando aí não introduzimos qualquer ideia de espaço. Worms (2010) afirma que a experiência da duração só existe para uma consciência e uma memória, pois Bergson acredita que haveria “fusão” continuada entre passado, presente e futuro, enquanto experiência imediata. Fica claro que a duração e o movimento são tomados enquanto um processo de diferenciação, onde não se compara e muito menos se refletem componentes entre si, sendo basicamente heterogênea, indistinta e não se justapondo em momentos. A compreensão da indissociação entre passado e presente seria a base da experiência de duração, diferente homogeneidade do tempo tomado pela ciência positivista.

A noção de duração fomenta, por sua vez, a disposição de reter o pretérito e antecipar o futuro, podendo dar margem para se pensar a consciência como um campo temporal ou de presença. A tensão seria a capacidade de situarmo-nos entre os diversos graus da duração. Com efeito, Bergson pode assegurar que a consciência dura, ou seja, que é duração, para haver consciência de algo, é preciso que retenha por algum tempo esse algo. A dimensão experiencial

8 LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. 1ª Edição. São Paulo: Loyola, 1994. p.112.

do homem decorre entre essa dualidade temporal, homogênea/simbólica e heterogênea, onde representamos conceitualmente as modificações que sobrevêm exteriormente e interiormente.

Os processos perceptivos como sensação e emoção podem ser compreendidos sob um duplo aspecto. Existem os processos que estariam solidificados pela homogeneidade do espaço exteriormente, e interiormente de forma heterogênea, inexprimível, vivencial, cuja linguagem capta fixando-lhe uma mobilidade no espaço. Com essa compreensão, Bergson aponta dois tipos de multiplicidade, assim como duas formas de duração, uma homogênea e outra heterogênea. A consciência apresentar-se-á de acordo posições que tomamos.

Bergson, a fim de explicar a diferença entre esses dois tipos de duração recorre à experiência que sentimos quando nos vemos em passeio pela primeira vez numa cidade qualquer onde nos propusemos a residir. Segundo o filósofo, tudo aquilo que nos cerca exerce em nós dois tipos de impressões: uma impressão que vai durar, sempre a mesma, e outra que muda. Esta que dura é aquela que temos pelo fato de as coisas parecerem sempre às mesmas ao longo dos anos com as quais nos deparamos: as mesmas casas, as mesmas avenidas, usando o exemplo da cidade e, ao nos reportamos, após um determinado período de tempo, à impressão que experimentamos pela primeira vez nos primeiros anos, percebemos uma mudança singular, inexplicável e inexprimível que se operou nessa impressão. Aquilo que continuamente era percebido por nós, influenciando nosso espírito, nos pediu emprestado algo de nossa própria existência consciente.

Quando Bergson dissocia a ideia de número da duração pura, este mostra que pode existir uma multiplicidade sem qualidade. A noção de tempo do bergsonismo não aponta para algo exterior a nossa consciência, pois a essência da duração é um tipo de decorrer sem cessar, uma experiência psicológica imediata e um processo de diferenciação sem separação. A duração não tem momentos idênticos nem externos uns aos outros, sendo basicamente heterogênea indistinta e sem analogia com qualquer quantificação.

A duração bergsoniana na sucessão contínua de um conteúdo qualquer, seria um suceder específico, experienciada por um eu que experiencia a si mesmo, tendo uma memória como ponto de juntura dos seus momentos, entre o "antes" e o "depois", sem os interstícios característicos do espaço. A memória é a condição interna da passagem do tempo, ou seja, uma memória que é interior à própria mudança, esta dilata o anterior no seguinte e os tolhe de serem límpidos momentâneos que surgem e esvaecem num presente que renasceria sem cessar. Com efeito, sem a intervenção de um meio vazio e homogêneo, a sucessão de nossa experiência sensível adquiriria uma forma orgânica que corresponde ao progresso ininterrupto e crescente da vida ou da história de um indivíduo.

Toda a obra de Bergson parte de uma intuição sobre a questão de haver duração fora de

nós, podendo esta exprimir-se também nas coisas, mesmo que seja diferente da nossa. Na obra, *Bergsonismo* (1999), de Deleuze, este aponta a metodologia do filósofo já presente nesta primeira obra ao propor a resolução do falso problema da grandeza intensiva. A própria análise de Frédéric Worms (2010), mostra que o filósofo também parte deste pressuposto ao constatar que o tempo passa e há uma confusão entre espaço e tempo que mascara a realidade da vida interior.

O projeto de Bergson, ao “remodelar” a estética transcendental faz da intuição do espaço não apenas o campo das essências geométricas, mas a transforma, de alguma maneira, na raiz do sistema dos princípios da experiência do possível. A oposição entre duração e espaço, por sua vez, será o sentido duplo encontrado pelo autor e uma espécie de condição da experiência, própria de apreensão do método intuitivo.

Para Bergson, portanto, há o tempo vivencial: a duração. Uma temporalidade que é essencial e continuada; tempo que sobrevém incessantemente transformando tudo e que significa a própria realidade psíquica. Contudo, não é desse modo que percebemos o mundo; imersos aos hábitos da inteligência dirigindo a nossa ação no mundo, compreendemos a realidade como estática e passível de ser fragmentada em partes que facilitam nosso agir no mundo. Temos, dessa forma, uma compreensão espacial da real, que compreende o mundo a partir da extensão. Essa compreensão espacializada e quantificada da realidade, escapa o tempo real, que flui incansavelmente em seu contínuo movimento, pois toma o tempo nos moldes do espaço e, assim, promove um tempo ilusório: o tempo espacializado, oriundo da confusão que comumente se faz entre tempo e espaço.

5. a liberdade como dado imediato

O método bergsoniano alude a acepção dos dualismos ou a separação dos mistos enquanto tentativa de colocar os contornos entre estas duas perspectivas da realidade. O alcance último na obra de Bergson não está no estabelecimento de dualismos. Deleuze nos chama atenção para com o caráter de uma teoria do monismo. O dualismo, no entanto, seria um momento que deve encerrar na estruturação de um monismo.

De acordo com Deleuze há um sentido ao afirmar que a intuição enquanto método filosófico é certamente a precedente em relação à duração e que “a intuição supõe a duração”⁹. É evidente que a intuição não pode ser precedente à duração, pois seria exatamente uma intuição de quê? Com efeito, é a intuição que nos induz em sentido às condições da experiência. Por sua vez, colocá-la como póstuma em relação à duração parece problemático, pois o percurso metodológico pensado pelo filósofo em toda a sua obra afirma que conhecimento intuitivo

9 DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999, p.22.

não classifica as coisas, mas é algo interior, contemplativo e tempo criador. Com efeito, este se realiza na duração que é o movimento. É por isso que Bento Prado (1988) vai definir como, *ontologia da presença*, esse experimento de encontro com algo anterior à cisão entre sujeito e objeto. Sob este ponto:

O pensar em duração é, para Bergson, pensar a partir da intuição da continuidade indivisa e movente, a "continuidade ininterrupta", por isso mesmo substancial, de "imprevisível novidade", e por isso criação. Trata-se ainda e sempre de pensar e conceituar, mas partindo do movimento, da percepção do movimento como a própria realidade, o que exige desenvolver novas funções do pensamento, isto é, funções outras que a intelectual. A intuição nos dá o movimento da gênese das formas acabadas, por isso mesmo nos dá as condições de compressão do feito¹⁰.

Na conclusão do *Ensaio*, Bergson conjectura sobre um sujeito psicológico que em sua exterioridade prática no presente é uma fonte de ação. Foi necessário pensar a noção de *duração*, onde, a partir desta, o autor pode compreender a interioridade e a natureza da vida psíquica. Com isso, o problema da liberdade será aplicado a propósito da intensidade e do tempo, como também um aprofundamento da doutrina da duração. Propomo-nos, então, a tecer a crítica bergsoniana ao determinismo e a questão da legitimação da indeterminação dos atos e, por fim, da liberdade.

Bergson faz uma crítica de base conceitual ao determinismo assinalando que o problema da liberdade é um pseudoproblema das operações da inteligência. Com a compreensão da dimensão da interioridade psicológica, pode-se ultrapassar as amarras problemáticas do livre-arbítrio e do determinismo.

O problema em torno da liberdade, segundo Bergson, é advindo do conflito entre sucessão e simultaneidade, pois quando declaramos que o ato é determinado por suas condições leva-se em conta o duplo sentido da causalidade. O filósofo busca "depurar" o conceito de intensidade, duração e ação livre devido à obsessão pela ideia de espaço. A relação entre ação e duração é intrínseca e marca os limites do determinismo, tanto físico quanto o psicológico.

Essa questão ao determinismo está ligada com a impressão de Henri Bergson com os escritos de Lucrécio e sua compreensão da natureza. A poesia de Lucrécio é composta por uma melancolia vivenciada diante das lutas sangrentas no contexto onde o próprio poeta traz toda uma narrativa a respeito do determinismo materialista da natureza, onde o homem era tomado como algo impotente diante das leis naturais.

De acordo com Bergson ao espacializarmos a consciência, afirmamos que as ações humanas sejam algo previamente determinado. Uma perspectiva mecanicista que compreende os

10 PINTO, Débora; MARQUES, Silene. *Crítica do Negativo e Pensamento em duração*. São Paulo: Alameda, 2009. pp. 250-251.

elementos subjugados às leis do universo. Essas relações de causalidade estão ligadas a nosso cérebro e toda atividade produzida por este. Os deterministas acreditam que o futuro está dado no presente, já os partidários do livre-arbítrio alegam que tudo está dado como uma espécie de escolha mediante um esquema que se divide. O ato de escolher supõe um recorte no tempo. Essa perspectiva espacial é o que nos leva a tomar o processo de “escolha” enquanto representação causalista. O filósofo francês abre mão da causalidade linear determinista caracterizada pela lógica retrospectiva, onde damos posições no espaço na deliberação de nossas escolhas.

De acordo com Bergson, a pretensão do determinismo físico acaba sendo transposta ao determinismo psicológico. A perspectiva mais radical fez da consciência enquanto um epifenômeno, pois toma a matéria como aquilo que percebemos através dos sentidos. Tal crença ao afirmar que nada muda na totalidade de seus elementos, é decorrente da compreensão de que o tempo decorrido não deixa resquícios na matéria, onde está é tida como algo inerte. Tudo aquilo que podemos observar é presente. Quando pensamos no domínio da vida, o autor assinala que há uma atuação do passado no presente. Tal questão leva o autor a trazer o vitalismo enquanto relutância ao determinismo e faz com que o princípio de conservação não esteja na consonância da dimensão da experiência da duração.

Quando buscamos compreender a natureza ao modo cartesiano e outros enquanto um mecanismo matemático, vemos que há uma pré-formação do futuro nas suas presentes condições. Tal afirmativa quantitativa sobre o mundo elimina a ação da duração. De acordo Marques (2006), a teoria da liberdade em Bergson é o efeito da instauração da duração enquanto qualidade heterogênea. O verdadeiro ato livre está relacionado há um tempo que está transcorrendo, durando e não há um tempo decorrido onde tenhamos armazenado apenas seu símbolo espacial.

Bergson propõe no terceiro capítulo do Ensaio, que atentemos para o dado imediato da experiência consciente, oculto pela linguagem e irreduzível a esta. Ao procurar abstrair-se do mundo exterior e voltar-se para si, a consciência, apreende sensações e sentimentos de uma originalidade e riqueza única que são compreensíveis apenas para quem os experimenta. Nossos estados de consciência estariam sempre mudando enquanto qualidades puras, onde muitas vezes não sabemos se é um ou vários. Como demonstra a observação do comentador:

Bergson afirma que o ato de reter o passado não implica em uma mecanização do ato de escolha. Esta é pensada enquanto processo de maturação. Diante disto, há uma relação entre ação e liberdade, de acordo com Frédéric Worms (2010). Para este, a liberdade trazida no *Ensaio* está relacionada com algo de ordem psicológica separando a consciência enquanto concepção do utilitário. A linguagem, por sua vez, justapõe os elementos e dá uma moldura comum à experiência humana a fim de atender as necessidades da vida prática.

De acordo com Silene Marques (2006), a teoria bergsoniana da liberdade é resultado da instituição da duração enquanto qualidade, heterogeneidade e mudança. Esta é pensada enquanto crescimento, enriquecimento interior e mudança contínua. O determinismo associacionista tende a confundir duração e espaço, negando todo o processo de ação interior.

Bergson de um modo implícito assegura que o sentido duplo do eu, enquanto multiplicidade e unidade produz um sentimento específico à ação, ou seja, o esforço. Quando falamos em força, atividade ou esforço, careemos abranger estas do ponto de vista da ação que se prepara imanentemente para produzir o ato. A vida individual é um campo singular de forças onde o eu não reúne somente estados que já se sucederam, mas produz um presente ou devir de potências. É necessário que haja uma atividade criação de si por si. A noção de ato livre fala de um tempo que está decorrendo, duração e não ao tempo de conservação simbólica através do espaço. A noção de criação é atravessada por algo da ordem do irracional por supor que se conceda ao ser algo que não existia.

O processo de criação, que está inserido no tempo é, acima de tudo, um estado do tempo particular de cada sujeito. A tese sobre a tensão entre duração e espaço (dois sentidos do eu) aponta a existência de diferentes temporalidades (internas e subjetivas) durante o ato criador. Desse modo, instigamos a novidade com o pressuposto do passado, com as experiências pretéritas em nossa história. A arte, por exemplo, pode ampliar a compreensão comum, pois esta é não se resume a atitude prática do espaço. A filosofia bergsoniana sustenta que a liberdade está num ato de invenção, como um tipo de união o superficial e o profundo.

Desse modo, a liberdade como demonstra Bergson é uma irreducibilidade da consciência à reflexão, esta seria condição essencial da experiência, pois o conceito de intencionalidade não seria apenas algo que se mostra para o mundo, mas uma consciência que não é de algo diversa de si. Toda consciência se mostra interessada no mundo e com isso vê-se em oposição ao mesmo com toda a sua ambiguidade. Por ser uma *consciência-no-mundo*, esta é algo em estruturação ou transformação do *ser-em-si* em um sistema instrumental (mundo). O que de fato Bergson aponta é que a consciência de si é inseparável da consciência do objeto, apesar de haver sempre a possibilidade da dissolução da segunda na primeira.

6. conclusão

O objetivo do *Ensaio* é revelar que a liberdade é todo um processo que se dá no tempo vivido e não mais como uma "algo" espacializado. Desse modo, a noção de eu livre faz com que Bergson procure demonstrar a existência da liberdade para além do determinismo e da atitude natural da inteligência. Com efeito, o autor sai do âmbito do eu superficial em encontro com a dimensão do vivido.

Quando Bergson pensa num método que pretenda calhar com o fluxo contínuo da duração, este precisa trazer em sua composição, a própria imprevisibilidade e espontaneidade, tal qual seu objeto. O filósofo afirma que a filosofia deveria tomar como objeto o caráter múltiplo, psicológico e interno da duração, pois esta deve se afastar da pura contemplação e inserir-se na transitividade interior e criadora do tempo. Com isso, percebe-se que nossa consciência vive à superfície de si mesma e adequando-se muito bem as exigências da língua, do espaço e do social.

O ato livre é compreendido com a vivência do tempo criador. Querer apreendê-lo seria subtraí-lo de sua presença e inseri-lo na espacialidade racional. Dessa forma, a compreensão da liberdade traz a sua própria negação, pois o ato livre que se confunde com a duração por não pode ser colocado numa linguagem que advém da extensão. Toda imprevisibilidade e sucessão de originalidades que atravessa a duração contesta a disposição natural da consciência.

Bergson, por fim, busca erigir uma metafísica que não desconhece a realidade experiencial e vivida. Defende que o acesso primeiro a essa dimensão da vida interior. Dessa forma volta seu olhar a esse lugar privilegiado, buscando o entendimento sua natureza, antes de buscar investigar a realidade tida como exterior. Expões que essa vida interior é de caráter temporal: o tempo, enquanto duração, seria o cerne de nossa vida psíquica. Entretanto não foi dessa forma que psicologia de seu tempo a compreendeu. Esta é atravessada pelo determinismo psicofísico, acabou não partilhando a verdadeira natureza psíquica, ao confundi-la com o físico compreendendo-a como sendo de ordem espacial.

referências

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. 1ª edição. Tradução: João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Matéria e Memória*. 1ª Edição. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A evolução criadora*. 1ª Edição. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *O Pensamento e o Movente: ensaios e conferências*. 1ª Edição. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *As duas fontes da moral e da religião*. Trad.: Miguel Serras Pereira. 1ª Edição. Coimbra: Almedina, 2005.

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. 1ª Edição. São Paulo: Loyola, 1994.

MARQUES, Silene. *Ser, tempo e liberdade: as dimensões da ação livre na filosofia de Henri*

Bergson. 1ª Edição. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2006.

PRADO JÚNIOR, Bento. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*. 1ª Edição. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

PINTO, Débora; MARQUES, Silene. *Crítica do Negativo e Pensamento em duração*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Alameda, 2009.

WORMS, Frédéric. *Bergson e os dois sentidos da vida*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.